

DORA  
KRAMER

dora.kramer@grupoestado.com.br



## Cada um por si

Reza a regra mor dos especialistas em propaganda eleitoral que quem está na frente nas pesquisas ou não deve ir a debates com os adversários ou pelos menos deve reduzir sua presença ao mínimo indispensável.

Sobessa ótica até faz sentido a decisão de um candidato à reeleição como o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho (43%, segundo Ibope do início de junho), que já mandou avisar que no primeiro turno não vai a nenhum.

Inclusive porque com a saída de Anthony Garotinho (21%) da disputa, a expectativa de Cabral é ganhar de primeira sem abrir espaço para Fernan-

do Gabeira (12%) crescer na contenda.

A despeito do desrespeito que esse tipo de atitude denota com o espírito da coisa (democrática) e principalmente em relação ao eleitor, tratado como mera massa votante enquanto ao marqueteiro com seus trackings, suas "qualis e quantis" se confere total reverência, a prática da ausência do favorito está consagrada.

O que não é comum é alguém em situação não consolidada, em cenário de equilíbrio com o adversário, abrir mão espontaneamente de espaços de embate para marcar suas posições, tentar conquistar mais eleitores e, quem sabe, mostrar que os oponentes não lhe fazem sombra em matéria de atributos para ocupar o

cargo pretendido.

A menos que esse alguém de um lado não se sinta suficientemente seguro para enfrentar tantas e repetidas refregas e de outro tenha segurança de que o desempenho de outrem lhe dará as garantias necessárias.

É o caso da candidata Dilma Rousseff, cujos estrategistas decidiram que só vai a quatro debates de televisão. Como não podem dizer a verdade, tergiversam fazendo candidata alegar "problemas de agenda" para não comparecer.

Difícil imaginar quais problemas de agenda seriam tão ou mais importantes que o comparecimento ao maior número possível de mesas de discussões razoavelmente espontâneas entre os can-

didatos. Que não possa ir a um ou outro é normal.

Mas que se restrinja ao que seria impossível recusar, apenas para não caracterizar a ausência como padrão, dá razão à oposição quando diz que o governo tem receio de que sua candidata não esteja à altura das exigências da exposição.

Leva o eleitor também a suspeitar que assim seja. E, para usar uma expressão que Marina Silva e Fernando Gabeira estão usando para reclamar dessas ausências, "empobrece" a cena, que fica limitada aos números de pesquisas, ao cotidiano de frases de efeito, gestos de impacto ou desaforos trocados entre candidatos, vices, presidente da República e respectivas assessorias.

Muito mais interessante que essa rotina de futricas de vizinhança mal-afamada – à qual se junta a partir de 17 de agosto o espetáculo amestrado conduzido por marqueteiros no horário eleitoral – seria um embate, digamos, semanal temático com regras mínimas para assegurar a civilidade, com os pretendentes a presidente discutindo livremente.

Um tema de cada vez, até esgotar o assunto. Hoje sobre segurança pública, semana que vem sobre visão de democracia, na seguinte tudo sobre saúde ou

educação, na outra política externa poderia ser o tema e assim até o dia da eleição.

Cada um por si, sem urdiduras, falsidades ideológicas, apropriação de personalidades, cada qual por conta de seu conhecimento e de sua capacidade de argumentar e convencer o público. Com a realização de vários debates a avaliação seria mais justa para eleitor e candidato: quem não comparecer a algum ou não for bem poderia se recuperar adiante e alcançar boa média. Ou não.

Cansaria o eleitor tanta profundidade?

Podem até ser, mas quem disse que hoje o artificialismo, a ligeireza, a transgressão e o bate-boca nem sempre digno de sala de visitas entretêm o eleitorado?

**Falso brilhante.** O PMDB inventou para si o papel de "poder moderador" entre o PT e vários setores da sociedade, empresários inclusive. Que o partido queira se livrar da pecha de fisiológico de alguma maneira, entende-se. Mas que as pessoas acreditem e embarquem é realmente de boquiabrir.

## Colossus, uma 'gigante' estranha e sem rosto

Nem o presidente informa direito quem é quem na empresa. E no Canadá os responsáveis não aparecem para ninguém.

Rodrigo Rangel  
ENVIADO ESPECIAL  
BELO HORIZONTE  
Alessandra Cayley  
TORONTO

O gigantismo empresarial da Colossus se limita ao papel e aos discursos dos defensores do projeto em Serra Pelada. A empresa foi aberta em 2006, especialmente para o projeto de extração de ouro no Sul do Pará. Na prática, ela é controlada por um grupo de brasileiros bem relacionados no Ministério das Minas e Energia e com ligações estreitas com o próprio Edison Lobão.

No papel, o presidente da empresa é o geólogo Heleno Costa. Mas são tantas as pessoas jurídicas envolvidas no negócio que mesmo os diretores se confundem. O próprio Heleno diz não ter relação com a Colossus Brasil. "Eu sou vice-presidente da Colossus Internacional", afirmou ele ao Estado na quarta-feira, por telefone.

Recém-saído de um modesto projeto de mineração no interior do Tocantins, o geólogo demonstra que não conhece a fundo o confuso emaranhado de pessoas jurídicas que orbitam o negócio do qual, em tese, é um dos responsáveis.

Perguntado, por exemplo, sobre o ano de criação da empresa no Canadá, ele não soube res-

## ONDE FICA



ponder. "Não sei dizer", admitiu. Também não sabia o nome do presidente da empresa, que afirmou ser "um inglês". Foi preciso que uma voz feminina, ao fundo, soletrasse: "R-a-n-d-y R-e-i-c-h-e-r-t".

**Endereço canadense.** Há outros pontos nebulosos na história. Em Toronto, o Estado visitou o endereço da Colossus. No escritório, num prédio comercial encravado no coração finan-

## ● Bloqueio

As contas da Coomigasp, a cooperativa dos garimpeiros, estão bloqueadas pela Justiça. O dinheiro é depositado na conta da tesoureira, Antonia Alves Silva, que mora em Imperatriz (MA).

ceiro da cidade, apenas uma secretária dava expediente. A reportagem tentou falar com os dirigentes canadenses da empresa. Em vão. "Não tem nenhum diretor aqui hoje", adiantou a secretária.

Ela se comprometeu a agendar uma entrevista com os diretores, o que nunca aconteceu. O Estado também tentou contato com Kristen Le Blanc, apresentada no site da Colossus como relações-públicas da empresa. Também sem sucesso.

As autoridades fiscais brasileiras, a Colossus canadense informou outro endereço: uma sala no número 130 da King Street West, onde funciona a Bolsa de Valores de Toronto. O prédio é o mesmo onde deveria estar outra empresa, a Maple Minerals, que até pouco tempo atrás aparecia na sociedade da Colossus.

No lugar, porém, não há nenhum vestígio das duas empresas. Pela caixa postal informada, uma pista: é a mesma da Pine-tree Capital, um fundo de investimentos que já esteve sob investigação da Ontario Securities Commission (OSC), órgão equivalente à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de fiscalizar o mercado de ações no Brasil.

No Brasil, o braço local da Colossus funciona num escritório no bairro Funcionários, em Belo Horizonte, Minas Gerais.



Pátio de manobras. Máquinas de empresas terceirizadas no garimpo Serra Pelada

O endereço é o mesmo da Serra Pelada Companhia de Desenvolvimento Mineral, a joint venture formada em sociedade com os garimpeiros, e da Mineração Fazenda Monte Belo, que nos registros da Junta Comercial mineira aparece como sócia minoritária da empresa. Na pequena placa dependurada na porta, porém, só há referência à Colossus. A recepcionista diz que nunca ouviu falar da Monte Belo. "Eu sou nova aqui", desconversa.

**Ações.** Sabe-se que, para arrecadar dinheiro a ser investido no projeto Serra Pelada, a Colossus canadense abriu seu capital na Bolsa de Toronto. Com a promessa de sucesso em suas operações em busca de ouro na Amazônia brasileira, a empresa passou a oferecer suas ações no mercado. O dinheiro arrecadado já começou a desembarcar por aqui, mas por enquanto seu destino principal têm sido as contas da cooperativa de garimpeiros controlada pelos aliados de Lobão.

**A COLOSSUS GEOLOGIA E PARTICIPAÇÕES LTDA.**, pessoa jurídica com sede em Belo Horizonte, Minas Gerais, na Rua Viterbo, nº 60, inscrita no CNPJ sob o nº 08.040.141/0001-40, representada por seu administrador, Sr. Persio Mandetta (a seguir referida simplesmente como Colossus), vem, por meio da presente, apresentar sua PROPOSTA COMERCIAL para realização de pesquisa mineral e desenvolvimento da mina de ouro, paládio, platina e outros metais e minérios associados, conforme o Alvará de Pesquisa nº 1485, Processo DNPMP nº 850.425/1990, em conformidade com o item 6 da alínea "c" do Aviso publicado no Diário do Pará no dia 29 de junho de 2007.

A pesquisa será realizada no prazo legal de vigência do Alvará de Pesquisa nº 1485, Processo DNPMP nº 850.425/1990. O PAE - Plano de Aproveitamento Econômico da lavra será apresentado conforme legislação aplicável e nos prazos legais.

5) **Minério secundário (monteira e lama) – exclusividade da Coomigasp**

Além da participação no empreendimento do minério primário (item 1 acima) e do recebimento do prêmio (item 3 acima), a Coomigasp ficará com a totalidade dos lucros do aproveitamento do minério secundário (monteira e lama), sendo que a Colossus poderá auxiliar a Coomigasp técnica e financeiramente conforme sugestão de programa em anexo.

A Colossus reafirma sua intenção de promover a pesquisa e o desenvolvimento da mineração de ouro em Serra Pelada, acreditando que as bases ora propostas atendam integralmente os interesses dos garimpeiros da região e os parâmetros traçados no Plano

**COLOSSUS GEOLOGIA E PARTICIPAÇÕES LTDA.**

Persio Mandetta  
Gerente-geral e geólogo

Detalhes. Pontos do contrato da Colossus com a Coomigasp

## No antigo Eldorado, garimpeiros vivem do Bolsa-Família

Entregue à pobreza, a serra de onde saíram 13 toneladas de ouro abriga hoje 7 mil garimpeiros que sonham com fortuna

Leonencio Nossa  
ENVIADO ESPECIAL  
SERRA PELADA

A história de Serra Pelada teve início em 1980, quando um grupo de garimpeiros encontrou ouro na superfície de uma grota na Fazenda Três Barras. Logo uma multidão com bateias se acotovelava na área em busca de fortuna. Não demorou para aparecer no

garimpo o oficial do Exército Sebastião Curió Rodrigues de Moura, veterano dos combates à Guerrilha do Araguaia, liquidada cinco anos antes a 100 quilômetros dali.

Enviado pelo governo federal, Curió controlou a mina com mão de ferro, proibindo a entrada de mulheres, bebidas e armas. O ouro extraído era vendido para a Caixa Econômica Federal e para a Docegeo, subsidiária da Vale. O auge da produção ocorreu em 1983, quando foram retiradas oficialmente 13,9 toneladas de ouro. À época, órgãos oficiais chegaram a contar 67 mil garimpeiros na mina.

Em 1984, com a queda na pro-



Formigueiro. Sonho do ouro chegou a reunir 67 mil pessoas

dução e o aumento do número de acidentes e desmoronamentos na cava que se transformou em formigueiro humano, o go-

verno ordenou o fechamento do garimpo. A Vale detinha, desde então, os direitos sobre a área. Mas os milhares de garimpeiros

resistiam a abrir mão do ouro, de ficaram pé no local e conseguiram prorrogar, sucessivas vezes, o direito de permanecer na mina. Em troca, a Vale chegou a receber do governo uma indenização de R\$ 59 milhões. Em 1992, com Fernando Collor presidente, o garimpo foi de fato fechado.

Hoje, Serra Pelada é um povoado entregue à pobreza. Muitos de seus 7 mil habitantes vivem do Bolsa-Família. A promessa de reabertura do garimpo e o anúncio da chegada da Colossus renovaram as esperanças de parte da população. Outra parte, liderada por opositores dos "maranhenses" que estão no comando da cooperativa, promete resistir.

A Colossus chegou com mão forte. Até a chácara a partir da qual Curió controlou a massa de garimpeiros, após o declínio da mina, foi comprada pela empresa, que ali montou o seu QG.

**Presidentes.** Um de seus diretores, Heleno Costa, passou a ocupar o lugar. Não fosse cancelado

lada por duas vezes, a visita de Lula a Serra Pelada seria a segunda de um presidente da República ao antigo garimpo. Em 1982, o general João Batista Figueiredo foi carregado nos ombros de garimpeiros e até tirou fotos com a roupa suja de melexete, a lama vermelha saída dos buracos da mina.

Como agora, em 2010, naquele ano os brasileiros iam às urnas para eleger governadores, senadores e deputados. Figueiredo estava no garimpo para pedir votos para os candidatos do PDS do Pará. Quase 30 anos depois, a viagem de Figueiredo ainda é lembrada pelos garimpeiros.

Eles associam o nome do último presidente do regime militar à liberação do garimpo para a categoria. Lula, o mais novo depositário da confiança dos garimpeiros, chegou a receber em audiência dirigentes da Coomigasp. Na ocasião, afirmou ser questão de honra para seu governo autorizar a sonhada reabertura da mina.